

HOMENAGEM AO PROF. JACINTO SIMÕES, “O PAI DA NEFROLOGIA PORTUGUESA”

No dia em que celebraria 100 anos de vida, o Prof. Jacinto Simões, figura incontornável da Medicina portuguesa, foi homenageado numa sessão organizada pela Sociedade Portuguesa de Nefrologia. Na manhã de 1 de novembro passado, colegas, amigos e familiares reuniram-se no Teatro Avenidas, em Lisboa, para partilhar testemunhos que comprovam uma carreira clínica e académica de excelência, assim como um humanismo que deixou uma marca profunda em várias gerações.

Prof.ª Patrícia Branco, Prof. António Rendas, Dr. José Miguel Boquinhas, Prof. João Bernardo Simões Corrêa e Dr.ª Cristina Jorge.

Raquel Oliveira

Nuno Branco

A Prof.ª Patrícia Branco abriu a sessão evocando Jacinto Simões como “um homem de dimensão excecional, pioneiro para lá da Nefrologia”. Contextualizando a sua ação num período histórico particularmente exigente, valorizou o facto de, “em tempos de ditadura, ter percebido a importância da educação, do conhecimento e do papel da academia”.

A nefrologista reconheceu ser “uma honra e um privilégio” dirigir o Serviço fundado por Jacinto Simões e integrar a sua “terceira geração de discípulos”, o que encara também como um compromisso. “Temos a responsabilidade acrescida de manter a qualidade e a inovação que o Prof. Jacinto Simões trouxe a esta área do conhecimento e da Medicina”, afirmou a diretora do Serviço de Nefrologia do Hospital de Santa Cruz, na ULS de Lisboa Ocidental, destacando a presença, na homenagem, de várias gerações formadas sob a sua influência, que “darão continuidade ao seu pioneirismo”. Patrícia Branco realçou ainda “a visão humanista assente nos valores de igualdade, liberdade e justiça que sempre balizaram a sua vida e que, hoje, são tão ameaçados”.

Seguiu-se a intervenção da Dr.ª Cristina Jorge, diretora do Serviço de Nefrologia da ULS de São José/ Hospital Curry Cabral, em Lisboa, cujo internato, no Hospital de Santa Cruz, ficou marcado pela convivência com Jacinto Simões. “Foi o meu primeiro diretor, tendo-me acompanhado na primeira metade do internato”, recordou, admitindo que, na época, os internos “não tinham noção da dimensão que este ocupava na Nefrologia portuguesa”.

Entre as memórias mais marcantes do seu antigo diretor de Serviço, Cristina Jorge enalteceu a “mentalidade aberta em relação às múltiplas dimensões da vida dos colegas”, recordando um episódio em que autorizou, com naturalidade, a sua participação nos Jogos Médicos Nacionais. Outro momento que guarda foi a possibilidade, inédita à época, de internos do Serviço participarem num congresso americano de Nefrologia. Assim, na década de 1990, Cristina Jorge acompanhou Jacinto Simões numa viagem até San Diego, nos Estados Unidos, experiência que lhe permitiu “conhecer outras facetas de uma pessoa tão importante na Nefrologia portuguesa”.

AS MEMÓRIAS DOS PRIMEIROS DISCÍPULOS

De seguida, tomou a palavra o Dr. José Miguel Boquinhas, começando por “reconhecer o Prof. Jacinto Simões como uma figura determinante para o desenvolvimento da Nefrologia em Portugal e para o seu prestígio internacional”. O início da relação profissional de ambos remonta a 1979, quando Jacinto Simões, então chefe de



A Dr.ª Ana Farinha (de pé) representou a Sociedade Portuguesa de Nefrologia, da qual é vice-presidente.

serviço do Serviço de Medicina II do Hospital de Santo António dos Capuchos, o convidou a “desenvolver o Serviço de Nefrologia do recém-criado Hospital de Santa Cruz, num tempo em que os doentes com insuficiência renal crónica terminal tinham, frequentemente, de recorrer a unidades no estrangeiro”.

Descrevendo Jacinto Simões como “um visionário”, José Miguel Boquinhas constatou que “nem sempre era um homem fácil, e muito menos consensual, o que não quer dizer que não tivesse imensos amigos”. “O rigor, o empenho e a proatividade levavam-no, por vezes, ao confronto aberto, mas leal. Era um clínico de enorme qualidade, muito inteligente e de fino raciocínio”, relatou, destacando ainda a “grande capacidade de trabalho” e a confiança que depositava nos mais jovens.

José Miguel Boquinhas, que sucedeu a Jacinto Simões na direção do Serviço de Nefrologia do Hospital de Santa Cruz, mostra-se otimista quanto à preservação do legado: “Honrando a sua memória, o Serviço terá um futuro de qualidade assistencial garantido e manterá o seu prestígio intocável”.

Por seu turno, o Prof. António Rendas caracterizou Jacinto Simões como “uma personalidade singular na sociedade portuguesa e um homem atento ao mundo, mesmo na fase final da sua vida, com uma visão cósmica, cosmopolita e comprometida com o futuro da Medicina e das instituições que a sustentam”. Foi por isso que “criticou a oportunidade perdida com a quebra de laços entre a Faculdade de Ciências Médicas [FCM] e os Hospitais Cívicos de Lisboa” e que assumiu “um papel importante na viabilização do polo de investigação biomédica nas antigas instalações do Instituto Bacteriológico de Câmara Pestana”.

De acordo com António Rendas, Jacinto Simões acreditava na necessidade de dotar a FCM de infraestruturas adequadas à investigação moderna, pelo que se bateu por esse objetivo, “chegando mesmo a enfrentar objeções infundadas, como a acusação de que tal levaria à destruição de uma enfermaria construída segundo um modelo de referência internacional, perdendo-se assim um valor patrimonial e histórico”. “Só foi possível ultrapassar este impasse através de uma análise feita, no local, por uma comissão coordenada pelo Prof. Jacinto Simões, que incluiu o reputado Prof. José Augusto França”.

Na impossibilidade de estar presente no local, o Dr. João Barroso Soares deixou uma mensagem em vídeo, evocando uma amizade de longa data e a “célebre ‘sopa do Jacinto’, em Carnaxide, ponto de encontro dominical, onde amigos apareciam sem avisar e se desenvolviam as mais animadas tertúlias”. A proximidade dos dois intensificou-se por “via maçónica” e João Barroso Soares recordou como, para Jacinto Simões, “os rituais eram secundários, privilegiando os valores da liberdade, da igualdade e da solidariedade, aos quais sempre foi fiel”.

Definindo-o como “um homem que era amigo do seu amigo, de extraordinária convivialidade e simpatia pessoal”, também “enquanto médico era excecional e inspirava imediata confiança”. Já internado no Hospital de Santa Cruz, recebeu visitas regulares de amigos, e um dos episódios que João Barroso Soares recorda foi quando, a seu pedido, lhe levaram clandestinamente o gato, “o que lhe trouxe uma enorme alegria”. “O exemplo de Jacinto Simões faz imensa falta aos amigos e à Medicina portuguesa”, concluiu.





Vários nefrologistas, assim como familiares e amigos do Prof. Jacinto Simões, marcaram presença na sessão de homenagem.

Vídeo e fotografias da sessão “100 anos do nascimento do Professor Jacinto Simões”



– a ironia, o espírito crítico e a lucidez.” Mesmo na velhice, o avô manteve “uma juventude interior evidente num sorriso, num olhar cúmplice”. A imagem que ainda hoje guarda na memória é disso prova, quando, ao caminharem juntos no Chiado, o avô lhe seguiu os passos pisando apenas as faixas pretas do passeio, num gesto infantil e cúmplice. “Além de tudo o que lá tinha dentro, tinha também um gaiato”, comentou.

A finalizar a sessão, o escritor **Luís Machado, secretário-geral da Associação Portuguesa de Escritores**, abordou a dimensão literária de Jacinto Simões, uma faceta pouco conhecida. Foi numa das tertúlias por si organizadas no Café Martinho da Arcada, em Lisboa, protagonizada por Mário Soares, que conheceu Jacinto Simões e que este lhe confidenciou que, às vezes, escrevia poesia, prometendo enviar-lhe alguns poemas para apreciação. Duas semanas depois, recebeu duzentos.

O que o nefrologista denominava de meros “versos quebráveis” eram, afinal, “poemas com força e musicalidade”. A partir desse momento, Luís Machado incentivou Jacinto Simões a publicar a sua poesia, algo que, após alguma renitência, acabaria por acontecer: em vida, o médico publicou três livros, sendo que estava já preparada uma quarta obra, cuja edição foi inviabilizada pela sua morte.

A homenagem terminou com a leitura dos poemas “As Palavras”, “Esquerda Teatral” e “Privilégio de Chorar os Mortos”, por Luís Machado. ■



O AVÔ E O ESCRITOR

O testemunho do Prof. João Bernardo Simões Corrêa, neto de Jacinto Simões, acrescentou à homenagem uma dimensão íntima e familiar. “O convite para o centenário de alguém que conhecemos tão intimamente e que moldou tão decisivamente a nossa vida tem algo de irreal”, referiu o psiquiatra, notando que, “durante muito tempo, o dia 1 de novembro foi um dos momentos altos do ano”. “Após um crescendo de preparativos, a casa dos avós abria-se a um cortejo de amigos de todas as áreas, que dispensavam convite, porque aquele era o dia do Jacinto!”

João Bernardo Simões Corrêa recorda o privilégio de, durante o internato geral, ter acompanhado, semanalmente, o avô no consultório, onde sentiu que, “mais do que aprender Medicina, estava a aprender a ser médico”. Foi aí que, um dia, ouviu de um doente: “Temos de aceitar que o seu avô é um Deus da Medicina.”

Após a morte de Jacinto Simões, João Bernardo Simões Corrêa reencontrou o avô nos livros de Camilo Castelo Branco, o seu autor favorito: “Estava tudo lá

QUEM FOI JACINTO SIMÕES?

Nascido a 1 de novembro de 1925, Jacinto Simões iniciou a sua carreira nos Hospitais Cívicos de Lisboa, após ter-se formado pela Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa. Criou, nos anos de 1960, o Centro de Reanimação do Hospital Curry Cabral, unidade polivalente integrada no Serviço de Medicina Interna, onde eram tratados os casos de insuficiência renal aguda. Passou um período no Hospital de Santo António dos Capuchos e, em 1980, fundou o Serviço de Medicina Interna e Nefrologia do Hospital de Santa Cruz, onde foi pioneiro no tratamento da insuficiência renal. Em 1981, iniciou neste hospital a diálise peritoneal contínua ambulatorial e, em 1985, relançou o programa de transplantação renal.

Jacinto Simões desenvolveu ainda uma importante carreira docente, contribuindo, sobretudo, para a investigação clínica. Aos 67 anos, concluiu o seu doutoramento pela Faculdade de Ciências Médicas, onde se jubilou como professor catedrático convidado. Pela sua carreira pioneira, foi condecorado pelo então Presidente da República, Mário Soares. Faleceu a 7 de novembro de 2010, dia do nascimento do seu pai.